

# Panorama

## UFCSPA

### Canetas emagrecedoras: indo além da moda

Medicamentos injetáveis usados no tratamento do diabetes e da obesidade ganharam visibilidade com a promessa de perda rápida de peso, mas especialistas alertam para riscos quando utilizados sem indicação e acompanhamento.

pp. 12 a 15

#### PSICOLOGIA

Avaliação atenta aos contextos e às desigualdades  
pp. 4 a 7

#### FONOAUDIOLOGIA

Estudo analisa danos auditivos da quimioterapia  
pp. 8 a 11

#### CAMPANHA

Iniciativa reforça benefícios do aleitamento materno  
pp. 16 a 21

#### DOENÇAS NEGLIGENCIADAS

Falta de diagnóstico e investimento mantém enfermidades fora do radar  
pp. 22 e 23

# Ciência, cuidado e sociedade

O Panorama UFCSPA chega à edição 78 reafirmando a vocação da Federal da Saúde para produzir conhecimento com impacto social e compromisso público. Esta edição marca um momento especial de celebração: além de ser o primeiro número impresso após um hiato de versões exclusivamente digitais desde a pandemia, trazemos o reconhecimento da UFCSPA como a universidade federal gaúcha melhor avaliada no Enamed. A instituição obteve o conceito 5, grau máximo de excelência alcançado por apenas 49 dos 351 cursos de Medicina avaliados em todo o Brasil.

Nesta publicação, a ciência aparece em diferentes frentes: da saúde mental à oncologia, da atenção materno-infantil aos debates sobre desigualdade no acesso ao cuidado. Entre os destaques, a edição traz a reflexão reconhecida em prêmio nacional sobre avaliação psicológica com consciência social, apontando a importância de práticas críticas e inclusivas na saúde mental. Apresenta, ainda, um estudo premiado que

analisa o impacto de diferentes protocolos de quimioterapia na saúde auditiva e reforça o papel do fonoaudiólogo na oncologia.

O jornal também aborda a popularização das chamadas “canetas emagrecedoras” e alerta para a necessidade de cuidados e acompanhamento médico no uso desses medicamentos. E mostra por que “amamentar é ouro”, destacando benefícios fonoaudiológicos do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil, além de discutir como doenças negligenciadas seguem afetando milhões e evidenciam desigualdades estruturais no acesso à saúde.

Fica o convite para acompanhar esta edição e levar adiante a conversa: a ciência que nasce na UFCSPA ganha sentido quando circula, chega às pessoas e ajuda a qualificar o cuidado em saúde.

Aproveite a leitura!

**José Leal**

**Editor-chefe do Panorama UFCSPA**

Editado pela Ascom – Assessoria Especial de Comunicação Social da UFCSPA  
Rua Sarmento Leite, 245, prédio 1, sala 500B  
Porto Alegre, RS, Brasil CEP 90050-170  
Telefone: (51) 3303-8754

[comunicacao@ufcspa.edu.br](mailto:comunicacao@ufcspa.edu.br)

[facebook.com/UFCSPA](https://facebook.com/UFCSPA)  
[twitter.com/UFCSPA](https://twitter.com/UFCSPA)  
[youtube.com/UFCSPA](https://youtube.com/UFCSPA)  
[instagram.com/UFCSPAoficial](https://instagram.com/UFCSPAoficial)  
[linkedin.com/school/ufcspa](https://linkedin.com/school/ufcspa)

**Reitora**  
Jenifer Saffi

**Vice-Reitor**  
Rafael José Vargas Alves

**Chefe de Gabinete**  
Márcia Giovenardi

**Pró-Reitora de Graduação**  
Marilu Fiegenbaum

**Pró-Reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação**  
Aline de Souza Pagnussat

**Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários**  
Luís Henrique Telles da Rosa

**Pró-Reitor de Planejamento e Administração**  
Magno Carvalho de Oliveira

**Pró-Reitora de Infraestrutura**  
Evelise Fraga de Souza Santos

**Pró-Reitora de Gestão com Pessoas**  
Ana Cláudia Souza Vazquez

**Pró-Reitor de Ações Afirmativas e Assuntos Estudantis**  
Rafael Cáceres

**Coordenadora da Assessoria Especial de Comunicação Social**  
Janine Bargas

## PANORAMA UFCSPA

**Jornalismo**  
Janine Bargas  
José Antônio Leal  
Márcia Schmitt Veronezi Cappellari

**Jornalismo em Cultura**  
Lisiane Wandscheer

**Fotos**  
Luciano Amaro Junqueira Valério

**Projeto Gráfico e Diagramação**  
Eduardo Coimbra Farias



# Avaliação psicológica

com consciência social: reflexão reconhecida nacionalmente

**Professora da UFCSPA destaca importância de práticas críticas e inclusivas para garantir equidade e justiça na saúde mental**

Por José Leal

**A** avaliação psicológica é um instrumento útil para a prática profissional, mas pode ocultar questões críticas importantes, especialmente quando não considera os contextos sociais dos sujeitos. Neste sentido, a reflexão da professora Joana Narvaez sobre a necessidade de uma avaliação psicológica com consciência social foi reconhecida em premiação promovida pelo Conselho Federal de Psicologia. A docente da UFCSPA recebeu, no último mês de dezembro, menção honrosa na primeira edição do Prêmio Profissional Avaliação Psicológica e Justiça Social, destacando sua articulação entre práticas de extensão no SUS e metodologias de ensino crítico.

O trabalho foi realizado no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, serviço de alta complexidade do SUS, onde a equipe realiza avaliação psicológica com crianças e adultos em vulnerabilidades interseccionais, assegurando acesso a direitos fundamentais e oportunidades de desenvolvimento integral. O prêmio tem o objetivo de identificar, valorizar e divulgar experiências que representem avanços na produção de conhecimento na interseção entre avaliação psicológica e justiça social, priorizando práticas voltadas a grupos minorizados e alinhadas ao compromisso da Psicologia com direitos humanos e equidade.

“A avaliação acrítica pode perpetuar estigmas



Alessandra Santos de Almeida, presidente do CFP, Joana Narvaez e Evandro Peixoto

A inserção sistemática dos estudantes em cenários reais de atuação, enfatiza Joana, como serviços públicos e políticas de saúde, é essencial para compreender a complexidade das demandas, os limites institucionais e as potências transformadoras da avaliação psicológica. "Ao mesmo tempo, a supervisão torna-se espaço privilegiado para discutir os efeitos dos laudos na garantia de direitos humanos, benefícios legais, inclusão escolar e terapêuticas singulares em saúde", detalhou a pesquisadora.

Para a professora, o ensino ativo e metodologias que envolvam dilemas éticos, análise de documentos, simulações e discussão crítica de instrumentos são estratégias fundamentais: "Essas práticas contribuem para que os estudantes

desenvolvam uma postura reflexiva e responsiva, capaz de reconhecer tanto os alcances quanto os limites da avaliação psicológica em contextos marcados por desigualdades".

Joana destacou a importância da pluralidade epistemológica na construção das avaliações, considerando saberes ampliados territoriais e comunitários. "O saber derivado da avaliação psicológica promove aberturas e perspectivas integrais de inclusão, tratando-se de um saber singular, ao mesmo tempo que coletivamente construído", afirmou. A formação comprometida com a justiça social exige traduzir esses elementos em experiências formativas concretas, formando profissionais tecnicamente competentes e socialmente implicados. ■

e estereótipos que segmentam e violam direitos humanos, mas a avaliação psicológica também pode ser ferramenta de empoderamento na busca de equidade e justiça social", destaca a docente. Joana enfatiza que a psicologia, especialmente a área de avaliação, não está imune às tensões sociopolíticas do país: "O Brasil é um país de dimensões continentais, marcado por profundas desigualdades sociais, econômicas, com invisibilização do impacto de marcadores da diferença como raciais, de gênero e territoriais". Desta forma, avaliações descontextualizadas podem reduzir sujeitos a seus sintomas, ignorando opressões sociais e ampliando desigualdades e estigmas.

Segundo a professora, a avaliação realizada sem esse cuidado pode desconsiderar contextos ampliados

e vetores socioculturais implicados nos sintomas individuais. Ela alerta que formar profissionais apenas tecnicamente competentes não basta. "É necessário promover uma análise cuidadosa dos condicionantes sociais para evitar uma lógica adaptacionista dos sujeitos e evitar que a avaliação se torne um dispositivo de reprodução de estereótipos e estigmas", explica.

A professora defende que a formação em Psicologia deve integrar teoria e prática desde o início do curso, favorecendo espaços de aprendizagem em que os estudantes possam problematizar casos reais e complexos. "É preciso superar modelos exclusivamente expositivos e fragmentados, oferecendo experiências que mobilizem tanto o domínio técnico quanto a compreensão crítica dos contextos em que a avaliação se insere", destaca.



Menção honrosa reconheceu práticas de extensão no SUS



# Estudo revela impacto de diferentes protocolos de quimioterapia sobre a saúde auditiva

**Pesquisa mostra que ototoxicidade é comum tanto com medicamentos à base de platina quanto com outros protocolos, destacando o papel do fonoaudiólogo na oncologia**

Por José Leal

O impacto da quimioterapia sobre a saúde auditiva dos pacientes foi o tema de uma pesquisa premiada com Menção Honrosa no 33º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, em novembro de 2025. Desenvolvido pela fonoaudióloga Cecília Peruch, do Programa de Pós-Graduação em Patologia da UFCSPA, o estudo investigou a presença de ototoxicidade em adultos submetidos a diferentes protocolos de tratamento contra o câncer, utilizando as Emissões Otoacústicas por Produto

de Distorção (EOAPD) como método de avaliação auditiva.

A investigação analisou 174 pacientes oncológicos, comparando protocolos de quimioterapia que utilizam compostos à base de platina - como a cisplatina e a carboplatina, muito usados por sua eficácia contra tumores, mas também conhecidos por causar danos auditivos - e outros protocolos que não contêm esse tipo de substância, usando outras estratégias químicas para combater o câncer.

A ideia de investigar a ototoxicidade surgiu do

grupo de pesquisa em que Cecília atuava, espaço no qual eram debatidas as toxicidades dos tratamentos oncológicos. Uma das orientadoras da pesquisa, a professora Eliane Dallegrave, que até então utilizava modelos animais para estudar o assunto, decidiu expandir a abordagem para pesquisas com seres humanos.

A fonoaudióloga Cecília Peruch, a partir da própria experiência clínica, foi convidada para conduzir essa iniciativa. "Na prática clínica, vemos muitos pacientes com queixa auditiva, que é multifatorial. As alterações auditivas na

quimioterapia são graduais, mas os pacientes com câncer sentem um pouco mais", conta Cecília.

O principal achado foi que tanto os tratamentos com platina quanto os sem platina apresentaram alto índice de ototoxicidade, sem diferença estatística entre os grupos. De acordo com o estudo, cerca de 90% dos pacientes avaliados apresentaram alterações audiológicas detectadas pelas EOAPD, independentemente do tipo de medicamento utilizado.

A pesquisadora detalha que os pacientes oncológicos avaliados têm, na maioria,

mais de 50 anos, ou seja, já possuem alterações auditivas naturais da idade. "Há associações internacionais que definem todos os quimioterápicos como potencialmente ototóxicos, mas nem todos os médicos estão atentos a isso. Fizemos o screening do grupo todo e constatamos que a ototoxicidade é comum em todos os protocolos", destaca.

Os dados revelaram que as frequências mais altas foram as mais afetadas, mas o dano ocorreu de forma significativa em todas as faixas avaliadas, incluindo aquelas importantes para

a compreensão da fala. Isso confirma que a perda auditiva pode comprometer não apenas a audição, mas também a comunicação e a qualidade de vida dos pacientes durante e após o tratamento oncológico.

O estudo também reforça a importância de monitoramento auditivo sistemático em todos os pacientes submetidos à quimioterapia, independentemente do protocolo farmacológico empregado. Segundo a pesquisadora, a detecção precoce de alterações permite intervenções rápidas, como ajustes no tratamento, aconselhamento, orientações

para proteção auditiva e encaminhamento para reabilitação, quando necessário.

Cecília lembra que a perda auditiva é um dos cinco maiores fatores

preditores de demências e depressão. O uso de aparelho auditivo, destaca, pode prevenir esses problemas e melhorar a qualidade de vida dos pacientes. "O ideal é garantir tanto a sobrevida

quanto a qualidade de vida dos pacientes. O fonoaudiólogo pode ajudar nesse processo, evitando isolamento social e melhorando a comunicação dos pacientes", esclarece.

Para isso, monitorar o paciente auditivamente desde o início do tratamento é essencial. O exame EOAPD, prático e independente da resposta do paciente, permite detectar alterações auditivas antes que apareçam em exames convencionais. "Durante o tratamento, o ideal é fazer monitoramento frequente, conversar com a equipe, ajustar tratamentos e orientar os pacientes sobre cuidados preventivos. No pós-tratamento, o trabalho de conscientização é essencial", destaca Cecília.

Neste sentido, a pesquisa destaca o papel central do fonoaudiólogo na equipe multidisciplinar de oncologia. Atuar na prevenção, detecção e reabilitação auditiva é essencial para garantir o bem-estar integral dos pacientes, especialmente diante de efeitos colaterais que impactam diretamente a qualidade de vida e o acesso à informação sobre saúde.

# Juntos, construímos o presente e o futuro da Fonoaudiologia

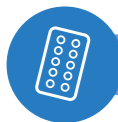
"O fonoaudiólogo dentro do hospital, de modo geral, precisa conquistar seu espaço. Já avançamos muito, e hoje o fonoaudiólogo já está presente na grande maioria das instituições. Na oncologia, entretanto, ele está mais voltado para deglutição e ainda tem pouco lugar na audição", comenta. Ela destaca que, especialmente junto a pacientes com câncer, o profissional de fonoaudiologia é capaz de atuar em campos como voz, deglutição, linguagem e equilíbrio.

A atuação colaborativa entre UFCSPA e Santa Casa de Porto Alegre foi fundamental para o sucesso do estudo. A participação dos pacientes, que enfrentaram o câncer e aceitaram contribuir para o avanço científico, foi destacada por Cecília como peça-chave para a obtenção dos resultados e a aplicação dos achados na prática clínica. ■



Pesquisa reconhecida durante o 33º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia teve participação de 174 pacientes

Trabalho premiado é fruto de mestrado no PPG-Patologia



# Popularização das Canetas Emagrecedoras

## exige cuidados e acompanhamento médico

Medicamentos usados no tratamento do diabetes e da obesidade têm ganhado visibilidade, mas uso sem indicação médica traz riscos à saúde

Por Márcia Veronezi

O uso de medicamentos injetáveis para perda de peso, popularmente conhecidos como “canetas emagrecedoras”, tem se tornado cada vez mais comum. Esses fármacos foram inicialmente desenvolvidos para o tratamento do diabetes tipo 2 e da obesidade, mas têm sido usados também por pessoas sem indicação clínica, o que preocupa especialistas.

Segundo a professora de Endocrinologia da UFCSPA, Erika Meyer, o nome popular pode gerar confusões. “O termo ‘canetas emagrecedoras’ pode gerar interpretações equivocadas, como a ideia de que são remédios apenas para fins estéticos e sem riscos. Na verdade, são medicamentos destinados ao tratamento de doenças crônicas e que devem ser usados com critério”, destaca. Esses medicamentos pertencem principalmente a dois

grupos: os agonistas do receptor de GLP-1, como liraglutida e semaglutida, e os agonistas duplos de GLP-1 e GIP, como a tirzepatida. Eles agem promovendo saciedade, retardando o esvaziamento gástrico e melhorando o controle glicêmico. “Os agonistas GLP-1 e GIP têm efeito metabólico ainda mais robusto. A perda de peso corporal depende do tipo de medicação utilizada, mas pode chegar até 20 - 22% com a tirzepatida”, explica Erika.

As indicações médicas para o uso dessas medicações são claras. “São indicadas para pacientes com diabetes tipo 2 e também para pessoas com obesidade, ou seja, com índice de massa corporal acima de 30 kg/m<sup>2</sup> ou superior a 27 kg/m<sup>2</sup> quando há outras doenças associadas, como hipertensão, dislipidemia ou apneia do sono.”

Além da redução de peso, os medicamentos podem trazer benefícios

metabólicos importantes. Eles ajudam a reduzir a hemoglobina glicada em pessoas com diabetes, melhoram o perfil lipídico e a pressão arterial, e reduzem o risco de infarto e AVC.

Apesar dos efeitos positivos, o uso não está livre de riscos. Entre os efeitos adversos mais comuns estão náuseas,

refluxo, constipação ou diarreia. Em casos mais raros, pode haver pancreatite, cálculo biliar e hipoglicemia. “Essas medicações são, em geral, seguras, mas precisam

de acompanhamento médico. Quando usadas sem supervisão, o uso pode gerar desde efeitos adversos leves até complicações graves”, alerta a endocrinologista.

O uso sem prescrição tem se tornado uma preocupação de saúde pública. “Sem supervisão, pode haver complicações sérias como desidratação, desequilíbrio eletrolítico, perda de massa muscular e o chamado efeito rebote, quando o peso retorna de forma acelerada após a suspensão do medicamento.” Erika destaca ainda outro risco, o uso de produtos manipulados: “A Anvisa já proibiu a manipulação de semaglutida e liraglutida por farmácias magistrais, por falta de garantia de segurança e eficácia.”

Sobre a durabilidade dos resultados, Erika Meyer explica que a perda de peso é mantida enquanto o tratamento continua. “O que vemos na prática clínica é que existe uma tendência de recuperação parcial após a suspensão do uso. O apetite pode

aumentar novamente e o gasto energético basal pode reduzir. O corpo tende a restaurar o ‘peso de equilíbrio’ anterior”.

A manutenção do peso, segundo a médica, exige mudanças no estilo de vida. “Esses medicamentos não curam a obesidade. Eles controlam a doença, que é crônica e exige tratamento prolongado. Para manter os resultados, é essencial manter um plano alimentar individualizado, fazer atividade física regularmente — especialmente treino de força para preservar a massa magra —, além de cuidar do sono e do estresse, que afetam diretamente o apetite.”

Erika reforça a importância de um cuidado continuado. “O acompanhamento médico e multiprofissional, com nutricionista, educador físico e psicólogo, é essencial durante e após o uso dessas medicações. O tratamento da obesidade vai além da balança.” ■





# Amamentar é ouro:

## Os benefícios fonoaudiológicos para os bebês

Coordenadora de projeto de extensão da UFCSPA explica sobre a importância do aleitamento materno para o desenvolvimento infantil

Por José Leal

O prêmio recebido pela campanha "Amamentar é Ouro: Ciência, Cuidado e Comunidade" no 33º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, no final de 2025, é uma oportunidade para reforçar os benefícios da amamentação para o

desenvolvimento dos bebês. O reconhecimento destaca o trabalho do projeto de extensão "Falando em Amamentação" em orientar gestantes e puérperas da rede pública de Porto Alegre sobre a relevância do aleitamento materno exclusivo. O projeto conta com a participação voluntária de estudantes de diferentes

cursos da UFCSPA, bem como de uma bolsista, atualmente a discente de Fonoaudiologia Manuela Souza Silva. A professora Eveline de Lima Nunes, atual coordenadora da iniciativa, traz mais explicações sobre algumas das principais contribuições proporcionadas pela amamentação sob o ponto de vista da Fonoaudiologia.

### Ajuda a manter o peso saudável



O leite materno possui uma composição única, que se adapta às necessidades do bebê e contém nutrientes essenciais para o desenvolvimento saudável. Ele atua não apenas como alimento, mas também como um regulador do metabolismo e do apetite, ajudando a prevenir o ganho de peso excessivo na infância.

Além disso, a amamentação estimula o sistema imunológico, fortalece o

vínculo afetivo e contribui para a regulação hormonal, o que favorece o controle do peso ao longo dos anos. Pesquisas mostram que o aleitamento materno exclusivo por seis meses ou mais é um dos fatores mais importantes para a prevenção do sobrepeso e da obesidade infantil, além de auxiliar na formação de hábitos alimentares saudáveis e na adaptação do organismo ao consumo de alimentos sólidos de forma adequada.



## Contribui para as funções orais desde cedo



O aleitamento materno natural é essencial para o desenvolvimento do sistema estomatognático - o conjunto de estruturas da boca e da face que trabalham juntas para funções essenciais como mastigar, engolir, falar e respirar. O hábito estimula músculos da língua, lábios, bochechas e mandíbula, promovendo uma harmonia funcional que previne problemas como respiração

bucal, deglutição atípica e hábitos deletérios orais.

Além disso, a amamentação natural é fundamental para garantir uma correta formação dos ossos e músculos da face. Estudos apontam que crianças que mamam exclusivamente no peito por mais tempo têm menor chance de desenvolver problemas na mordida e outros distúrbios orais.

## Melhora a qualidade do sono



O leite humano possui melatonina, um hormônio que ajuda a regular o ritmo do sono e o desenvolvimento do ciclo circadiano do bebê. Ao ingerir o leite materno, especialmente à noite, o bebê recebe quantidades maiores desse hormônio, o que contribui para um sono mais tranquilo, regular e com maior qualidade. Além disso, a melatonina presente no leite fortalece o sistema imunológico, atua

como antioxidante e anti-inflamatório, auxiliando no controle do estresse e na proteção contra infecções nos primeiros meses de vida.

Estudos mostram que a amamentação exclusiva permite uma sincronização mais rápida entre os ciclos de sono e vigília do bebê e melhora a eficiência do sono, tornando-o menos fragmentado e mais reparador.

## Fortalece o sistema imunológico



O leite materno é rico em anticorpos, enzimas, fatores imunes e células brancas do sangue, que ajudam a fortalecer o sistema imunológico do bebê desde os primeiros dias de vida.

Esses componentes protegem o recém-nascido contra infecções respiratórias, gastrointestinais, diarreias e outras doenças comuns na infância, reduzindo significativamente o risco de mortalidade infantil. O colostro, primeira secreção do leite materno, possui concentrações elevadas de imunoglobulinas,

que atuam como barreira contra agentes infecciosos e promovem o amadurecimento do sistema imunológico infantil.

Além disso, o aleitamento materno estimula a produção de linfócitos T e B, essenciais para o desenvolvimento da imunidade adaptativa do bebê. Esse processo confere proteção tanto imediata quanto de longo prazo, reduzindo a suscetibilidade a doenças alérgicas, infecções e, até mesmo, a riscos de doenças crônicas na vida adulta.

## Possibilita a formação correta dos dentinhos



A amamentação também desempenha um papel fundamental no correto desenvolvimento das estruturas dentárias. O movimento de "ordenha" realizado pelo bebê durante o aleitamento materno exige um intenso trabalho muscular de lábios, língua e bochechas, promovendo o crescimento adequado da mandíbula e da maxila. Esse estímulo favorece o espaço necessário para a correta erupção dos dentes e previne problemas como

o apinhamento dentário e a mordida aberta ou cruzada.

A introdução precoce de mamadeiras e chupetas, por outro lado, pode comprometer esse equilíbrio, levando a hábitos de sucção incorretos e prejudicando o desenvolvimento dos arcos dentários. Estudos indicam que crianças amamentadas exclusivamente no peito por mais tempo apresentam menor incidência de más oclusões e melhor padrão respiratório.

# Amamentar



# Doenças negligenciadas

## ainda afetam milhões e expõem desigualdade no acesso à saúde

Falta de diagnóstico, investimentos e políticas públicas amplia impacto em populações mais pobres

Por Márcia Veronezi

**A** pesar de afetarem milhões de pessoas no Brasil e no mundo, as doenças negligenciadas seguem fora das prioridades de governos e da indústria farmacêutica. São enfermidades que atingem principalmente populações pobres, em regiões tropicais e subtropicais, e que enfrentam carência de políticas de prevenção, diagnóstico e tratamento.

Entre os exemplos mais comuns no Brasil estão hanseníase, doença de Chagas, leishmaniose, esquistossomose, filariose e algumas doenças fúngicas sistêmicas. Todas têm em comum o pouco interesse comercial que despertam e a subnotificação dos casos, segundo o infectologista Alessandro Pasqualotto,

professor da UFCSPA e pesquisador da área.

“Essas doenças são consideradas negligenciadas porque não geram lucro e atingem populações vulneráveis, sem poder de compra. Por isso, recebem menos atenção de políticas públicas e dos laboratórios”, afirma Pasqualotto. “Os números sobre elas são geralmente subestimados, mas o impacto em termos de morbidade, mortalidade e sequelas é bastante significativo.”

A dificuldade para detectar essas enfermidades é uma das principais barreiras para o controle. Muitas vezes, os sintomas são confundidos com outras doenças, e os exames específicos estão concentrados em laboratórios de referência nos centros urbanos. Em áreas

remotas, faltam profissionais capacitados e estrutura laboratorial.

“Os principais desafios são a falta de acesso a exames rápidos e precisos, a escassez de profissionais treinados e a baixa estrutura de laboratórios. Para muitas dessas doenças, o diagnóstico é centralizado, o que atrasa todo o processo”, explica. “O grande desejo da comunidade científica é desenvolver testes rápidos que possam ser aplicados junto ao paciente, sem depender de tecnologia ou energia elétrica. Mas ainda são poucos os casos em que isso é possível.”

Mesmo quando há medicamentos disponíveis, o acesso continua limitado. A logística de distribuição é precária, os serviços de saúde são distantes e o diagnóstico

costuma acontecer de forma tardia. Além disso, alguns tratamentos são longos, com efeitos adversos e baixa adesão dos pacientes.

“Em muitos locais, o problema não é só a falta de medicamentos, mas a dificuldade de fazer com que eles cheguem a quem precisa. Em alguns casos, o tratamento é tão complexo ou tóxico que as pessoas acabam desistindo”, afirma.

Outro entrave é a escassez de pesquisas voltadas a essas doenças. O desenvolvimento de novos medicamentos é demorado e caro, e o retorno financeiro costuma ser baixo.

“O investimento da indústria farmacêutica é limitado porque o retorno é quase nulo. A pesquisa acaba dependendo de universidades e organizações

sem fins lucrativos, mas os recursos são insuficientes para enfrentar a dimensão do problema”, destaca o infectologista.

Ainda assim, há avanços em andamento. Segundo Pasqualotto, novas opções de tratamento estão em desenvolvimento para doenças como leishmaniose e doença de Chagas. Vacinas contra dengue já estão disponíveis, e há estudos promissores para chikungunya. No campo das doenças fúngicas, a UFCSPA lidera um estudo internacional sobre histoplasmose em pessoas vivendo com HIV.

“É o maior estudo do mundo nessa área. Se os resultados forem positivos, o impacto para o sistema de saúde pode ser grande, inclusive com redução de custos”, afirma.

“Tecnologias moleculares também têm ajudado a melhorar o diagnóstico, mas o desafio é fazer com que tudo isso chegue de fato à população.”

Para mudar esse cenário, Pasqualotto defende ações estruturantes e de longo prazo. “É fundamental investir em saneamento, moradia e educação em saúde. Também precisamos fortalecer a atenção primária, criar campanhas de diagnóstico precoce e ampliar o apoio à pesquisa.”

Segundo ele, a mudança passa por reconhecer a importância dessas doenças para a saúde pública. “Combater as doenças negligenciadas é, também, combater a desigualdade social. É um desafio que precisa ser enfrentado como prioridade nacional.” ■

# Doar sangue é salvar vidas!

Veja abaixo alguns dos principais pontos de doação em Porto Alegre:

- Santa Casa de Porto Alegre**
  - Tipo: Hospital
  - Endereço: Av. Independência, 75
  - Telefone: (51) 3214-8000
- Hemocentro do Estado do RS (Hemorgs)**
  - Tipo: Centro de doação de sangue e plasma
  - Endereço: Av. Bento Gonçalves, 3722
  - Telefone: (51) 3336-6755
- Hospital de Clínicas de Porto Alegre**
  - Tipo: Hospital
  - Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2350
  - Telefone: (51) 3359-8000
- Grupo Hospitalar Conceição**
  - Tipo: Centro de doação de sangue e plasma
  - Endereço: Av. Francisco Trein, 596
  - Telefone: (51) 3357-2000
- Banco de Sangue do Hospital de Clínicas**
  - Tipo: Centro de doação de sangue e plasma
  - Endereço: Rua São Manoel, 543 (2º andar)
  - Telefone: (51) 3359-8504
- Hospital São Lucas da PUCRS**
  - Tipo: Hospital
  - Endereço: Av. Ipiranga, 6690
  - Telefone: (51) 3320-3000
- Hospital Mãe de Deus**
  - Tipo: Hospital
  - Endereço: Rua José de Alencar, 286
  - Telefone: (51) 3230-6000
- Hospital Moinhos de Vento**
  - Tipo: Hospital
  - Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 910
  - Telefone: (51) 3314-3434
- Hospital Espírita de Porto Alegre**
  - Tipo: Hospital
  - Endereço: Praça Simões Lopes Neto, 175
  - Telefone: (51) 3320-5700



**Informações reunidas pela Liga do Sangue UFCSPA**  
Conheça o site da liga, através do QR Code ao lado: